



PAUTA LIVRE

Este espaço está reservado, sempre, aos domingos, para a colaboração dos nossos leitores. Todos os artigos serão assinados e sua publicação ficará a critério da Chefia de Redação

O desarmamento e os direitos humanos

Sérgio Muylaert (*)

Diz-se que o centro financeiro de Wall Street em Nova Iorque é o barômetro das Américas e que neste barômetro entram em jogo também as pressões de "guerra fria". Em geral, quando as notícias e as tensões internacionais reduzem de emoção, o mercado se encolhe, como lembrou Fred Kook, no seu livro *O Estado Militarista*, dando exemplos vivos. Desde 1968, que as linhas do sistema empresarial e financeiro do mundo passam a respeitar decisões traçadas no Acordo de Bretton Woods (EUA), inclusive, quanto à propaganda de defesa intensiva, no esforço constante de manter algumas áreas em permanente conflito, como na América Central, Oriente Médio e regiões da África.

Edward Teller, o pai da Bomba H, considerou que o uso do seu invento seria um meio eficaz de garantir a paz (!) duradoura, tal qual Alfred Nobel sonhou, em 1892, quando acabou de inventar a dinamite. Teller é hoje, o propagador da guerra nuclear, junto a Donald Car — diretor do laboratório de Los Alamos e a outros físicos como Jerald Yonass, Gregory Canavan e Jones Abrahamson — o general que inspirou o filme *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas. Teller dirige o Laboratório Lawrence Livermoon, onde são fabricadas ogivas para os mísseis Poseidon e Polaris e para as ogivas múltiplas intercontinentais *Minuteman*, além da Bomba N.

O perigo das armas

Em agosto de 1961, o representante soviético, N. Kruchev, ao falar da psicose da guerra entre os norte-americanos, alertou para "um perigo cada vez maior de que os EUA provocassem a centelha fatal".

O norte-americano Hugo Asmann, no livro *A Trilateral, nova fase do capitalismo mundial*, inaugura comentário de que o mundo da livre informação é promessa, (nunca cumprida), do conceito burguês da liberdade de imprensa e que nele há um quantitativo sempre subordinado a mecanismos de orientação e controle. Especialistas em comunicação ousaram chamar os EUA de "uma nação de borregos", segundo ele, pois, os bancos de dados sobre a América Latina, da Universidade de Michigan, por exemplo, é o maior existente e é onde menos se pesquisa ou se consulta sobre estes problemas, por ironia do destino.

Os EUA mantêm 523 mil soldados no exterior, sendo 10 mil no Canal do Panamá; 23.800 no Mar Mediterrâneo; e recentemente, 26 navios de guerra navegavam pelo golfo Arábico, após o agravamento da crise na região, o que estaria custando aos americanos 10 milhões de dólares diários com a manutenção desta frota. Os EUA têm mais de 21 bases dispersas pelo resto do planeta, ostentando um poderio militar sem precedentes.

A revista *Atlantic Monthly*, informou, em agosto, que os projetos do Pentágono absorvem cada vez mais cientistas e técnicos americanos que deveriam estar trabalhando noutras empresas de fins pacíficos. Por isso, perdem rapidamente a capacidade competitiva no saldo tecnológico no confronto com as empresas alemãs e japonesas, sobretudo.

Ronald Reagan, quando assumiu a Presidência dos EUA em 1981, declarou que os inimigos sentiriam a força do poderio americano. A recente venda de armas a um país "inimigo" rendeu dividendos para os "contras" que se fortaleceram na tentativa de invadir a Nicarágua. O escândalo "Irãgate", além de agravar o conflito na América Central desmoralizou o governo de Washington perante o mundo e seus sócios. As tentativas de obter liberação da ajuda militar persiste sob protestos da

sociedade e do congresso americano.

Os conflitos internacionais estariam, com isto, fora das nossas casas mas o que percebemos é o contrário: os conflitos diariamente mostrados pela televisão revelam que falta vontade política para resolvê-los pela via da negociação política. O armamentismo (que é uma doutrina resultante do militarismo) cresce a partir da idéia de que a defesa é algo imprescindível e, daí, a constante necessi-

e o laser, seriam a base destes engenhos mortíferos na intenção de produzirem qualquer força imbatível.

Enquanto Nixon era presidente dos EUA, ele afirmou que a América estava precisando de um escudo cósmico que acionasse a espada, como foi imaginado o poder de Excalibur.

A proeza de um negócio rentável às cinco empresas (Boeing, MacDonall Douglas, Lockheed, LTV e TPV), pôde assegurar o

tinente americano, e em particular, para a América Central, na causa por melhores dias. Ele enfrenta a ira do governo de Washington que concedeu recursos da ordem de 270 milhões de dólares para os contras e sabe que o gasto com a presença bélica dos EUA, no exterior, monta 250 bilhões de dólares por ano, ou seja, mais do dobro da dívida externa do Brasil.

Se é correto afirmar a importância de encontrar soluções políticas e desarmadas para os vários conflitos internacionais, não menos correto será reconhecer aos povos explorados, numa correlação injusta de forças, o direito de defesa e de resistência, pelos meios disponíveis e necessários,

contra qualquer forma de agressão, ou de violação, à sua soberania e ao princípio da autodeterminação, frente a regimes usurpadores dos direitos humanos. Foi o que concluiu a Assembléia Geral da Associação Americana de Juristas (AAJ) na 8ª Conferência, em Havana, Cuba, realizada em setembro. Entre outros pontos importantes assinalou-se que caberia aos EUA a principal responsabilidade, por ação direta ou mediata, às violações de direitos humanos; e, que o terrorismo internacional de Estado praticado contra os povos que alcançaram o exercício pleno de seu direito de autodeterminação constitui crime de lesa-humanidade enquanto dirigido à destruição das bases sociais e materiais desses povos que buscam o desfrute real dos direitos econômicos, sociais, e culturais.

A corrida armamentista, na verdade, impede a interação de novos Estados e a cooperação mútua entre eles, dando ensejo ao fortalecimento e à intervenção de regimes de direita e fascistas, ampliando as tensões desde que os programas regionais e sub-regionais de intercâmbio e de colaboração são prejudicados com os conflitos que arrastam outros países ao combate.

O cientista político, Zravko Dobrov, da Bulgária, comenta que na "visão histórica" destes militares, o homem seria um macaco raivoso com um bordão atômico, ou senão, uma rã perversa incapaz de se livrar da imundície e de sonhar com outro fim. São pessoas para quem a fuga à uma solução possível as leva a perder o gosto pela vida. Ao pensamento do autor diríamos, em complemento, que resta a alguns deles o consolo de ser o último sobrevivente de sua própria fúria.

Os meios destrutivos conduzem à eliminação total, inclusive, ao término da problemática sobre inúmeros objetivos melhores.

A II Conferência Nacional de Cientistas sobre os problemas da paz e a prevenção da guerra nuclear, de maio do ano passado, em Moscou, constatou que "a segurança internacional" é uma tarefa de toda a humanidade, possível de resolver só com os esforços unidos de todos e de cada um — através da redução da confrontação, da limitação e redução dos armamentos, da regularização dos conflitos regionais e a garantia de uma sólida segurança para todos".

Não há dúvida de que os meios para se evitar a guerra e o desarmamento sejam possíveis de ser encontrados entre nós em nosso próprio benefício. Na véspera da Conferência do Desarmamento, em 1932, Albert Einstein fez uma declaração patética e urgente: "Sem o desarmamento, nunca poderá haver uma paz duradoura. Pelo contrário, a continuação dos armamentos militares, ao ritmo atual, só poderá conduzir a novas catástrofes."

(*) Advogado e integra o NEP — Núcleo de Estudos para a Paz e os Direitos Humanos da UnB



dade da solução armada. Sob qualquer pretexto, a teoria do risco iminente de um ataque inimigo justificaria o armamentismo. O caminho do Estado Militarista é o caminho da guerra (Fred Kook). A tese do búlgaro, Pavel Talev, de que o golpe nuclear é um método fatal e impunível, parece correta, pois, não haverá vencedores. É inútil os Estados Unidos pretenderem a supremacia militar para que se mantenham perpetuados os seus interesses.

Golfinhos, SDI e Excalibur

O programa de Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) foi divulgado em março de 1983, pela Casa Branca. Utilizando armas de "terceira geração", o material fissil

"êxito" do projeto que inclui satélites-assassinos e despejam Bomba "H" sobre os alvos, indistintamente, provocando a paralisação dos sistemas de comunicação. Os mísseis Trident, provocam explosivas reações em série. Das águas minadas do Golfo Arábico podem surgir bombas e ametrados golfinhos, da CIA e da marinha americana (conforme noticiou a BBC) que, nos anos 70, foram testados para a guerra do Vietnam.

Novas luzes

O grande alento é sabermos de homens com a humildade de Oscar Arias, o jovem Presidente da Costa Rica, vencedor do Prêmio Nobel da Paz, que no seu empenho vem conquistando prestígio para o con-